

VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE FREUDIANA E DA TEORIA CRÍTICA

Fernando César Paulino-Pereira*

Manuela Cornachioni Ayoub**

Shirlei Neves Debussi***

Resumo: Nos dias atuais, o aumento da violência tem se tornado bastante preocupante e tema de diversas discussões, nas quais buscam-se soluções para diminuir esta violência. Entre estas discussões, muitas vezes a educação é colocada como um caminho para modificar a realidade difícil em que vivemos, sendo implícito nesta a afirmação que a educação poderia ajudar a diminuir a violência. Com o intuito de verificar até que ponto esta afirmação pode estar correta é que o presente trabalho vai buscar na Psicanálise Freudiana e na Teoria Crítica, embasamento para enriquecer esta discussão. Desta forma o trabalho faz uma discussão sobre psicanálise, psiquismo, cultura e educação, e em seguida considera a crítica do social apresentada pela escola de Frankfurt. Apoiado então por estas duas abordagens, busca-se a possibilidade deste caminho de mudança através da educação.

Palavras-chave: psicanálise freudiana; teoria crítica; educação; violência.

Introdução

O presente artigo é resultado de um estudo sobre a questão da violência e o papel da educação em relação à mesma. O texto traz a discussão de algumas idéias apresentadas pela psicanálise Freudiana e pela Teoria Crítica.

Para tanto este trabalho inicia-se pelos estudos de Freud sobre cultura, nos quais o autor discute o convívio em sociedade e a necessidade da repressão das pulsões, em um primeiro momento pensando que elas não deveriam ser totalmente contidas, e posteriormente colocando que devido à pulsão agressiva inata ao ser humano, as pulsões deveriam realmente ser contidas para permitir a continuidade da vida em civilização. Seguindo por esta discussão, são apresentadas as idéias de autores mais contemporâneos da Psicanálise que, baseados nas idéias de Freud, vão acrescentar que não se pode colocar toda agressividade e violência humana como inerente ao psiquismo, pois a mesma está também intrinsecamente ligada ao social, mais especificamente à circulação de bens e valores nesta sociedade, que determinam as relações com o Outro. Finalmente discute-se a psicanálise e a educação, passando pelas idéias iniciais de Freud, até autores que pensam, atualmente, uma forma possível de uma atuação com bases psicanalíticas na educação.

Recorre-se em seguida às contribuições da Teoria Crítica. Inicia-se pensando a adaptação do homem à realidade vigente realizada pela indústria cultural e como o indivíduo vai sendo eliminado e vão se formando as massas nesta sociedade. Nesse conjunto discute-se a educação a partir desta mesma visão, pensando como esta, aprisionada pelo pensamento racional, baseada no processo de produção, prepara o indivíduo para a tecnologia, para se encaixar no existente, colaborando para a massificação, que é a própria barbárie. Pensa-se então que a única saída possível seria uma educação para a emancipação, para a auto-reflexão crítica.

Ao pensar em pontos de cruzamento entre uma teoria e outra, e que ambas teriam contribuições importantes a oferecer para entender a violência crescente e como a educação poderia contribuir para modificar essa situação é que o terceiro tópico vai promover uma discussão das idéias de ambas para que se possa chegar a uma situação conclusiva. Baseando-se nesta discussão, por fim pode-se chegar à idéia de que a educação pode

contribuir para esta mudança social tão almejada, mas para tanto são necessárias práticas diferenciadas na educação, práticas que sejam fundadas na reflexão.

Mal-estar e educação: perspectiva psicanalítica freudiana

Desde o princípio os trabalhos de Freud estão permeados pela questão cultural, já que o mesmo considera que o homem vai construindo-se na relação com o outro, mas escolheu-se discutir aqui alguns dos trabalhos que Ramalho (2001) nos diz serem conhecidos por antropologia ou sociologia psicanalítica, e que demonstram dois paradigmas do pensamento freudiano sobre a cultura.

Portanto, à discussão proposta neste primeiro tópico acredita-se ser de grande importância percorrer o caminho feito por Freud de *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (1908), na qual seu pensamento inicial era que as pulsões não deveriam ser totalmente contidas, uma vez que um grau de repressão muito elevado poderia resultar em doença mental, até chegar no ponto que aqui nos é pertinente, ou seja, o *Mal Estar na Civilização* (1930), quando a postulação da pulsão agressiva, inata ao ser humano, modifica o pensamento inicial. Agora as pulsões deveriam realmente ser contidas para permitir a continuidade da vida em civilização.

No primeiro momento de sua obra, Freud, acreditando ser possível prevenir a doença mental, levanta a hipótese que o fator etiológico da doença mental era a influência nociva da civilização e da cultura. E escreve, em *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (1908), que a civilização ao reprimir exageradamente a sexualidade, não possibilita a descarga libidinal, mesmo que parte dela seja sublimada, um outro tanto vai ainda se manter armazenada causando angústia que alimenta o sintoma neurótico. Apesar de criticar a repressão da civilização contra o sujeito, Freud admitiu que a repressão da pulsão era necessária para manter a civilização, o que poderia ser modificado era o grau de repressão sobre o sujeito, que poderia ser diminuído evitando a doença mental (FREUD, 1908).

No segundo momento de sua obra, época em que ocorria a ascensão do fascismo, Freud vai centrar sua discussão na agressividade, utilizando-se para tanto de novos conceitos, entre eles o de pulsão de vida e de

morte, deduzidos da compulsão à repetição, tendo como representantes da pulsão de morte a agressividade, o sadismo, masoquismo, etc., e tendo a pulsão de vida como mantenedora do ciclo vital. Descobrimos que a agressividade se manifestava de forma mais observável no domínio social, as discussões de Freud vão se aproximar cada vez mais da cultura (MEZAN, 1990).

Se, de acordo com Ramalho (2001), em *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (1908), a sublimação não poderia dar conta da intensidade das demandas pulsionais, sendo necessária uma satisfação sexual, Freud neste segundo momento abandona a idéia de que com o afrouxamento da repressão dos instintos os homens poderiam viver de forma a conquistar riquezas e desfrutar delas, mas seu pensamento agora mostra que isto não seria possível, já que os homens possuíam tendências destrutivas e anti-sociais, e escreve um trabalho intermediário entre *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (1908) e *Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]), este intitulado de *Futuro de uma Ilusão* (1927) vai discutir sua preocupação com o destino da civilização. Civilização esta imprescindível para a sobrevivência dos homens que não conseguiriam viver fora dela, já que se reúnem em civilização para se defender da natureza que os destrói e também para dela extrair riquezas e colocar regulamentos para ajustar as relações destes homens tornando possível a vida em comum. Dentre estes regulamentos estão as privações, que são universais, como o canibalismo, o incesto e a ânsia de matar, mas dentre estes, apenas o canibalismo parece ter sido dominado. O que ocorre é que existe uma dificuldade em aceitar a renúncia de instintos imposta por esta civilização, e, não raramente estes homens se voltam de forma hostil contra ela, que precisa ser defendida contra o próprio indivíduo (Freud, 1927).

Para que o indivíduo não direcione esta agressividade contra a civilização e contra os outros é necessário que ele encontre satisfações substitutivas, como a arte e as idéias religiosas. A importância da religião, dirão as pessoas, é que ela mantém a sociedade, mas, segundo Freud, apesar da religião ter contribuído para domar as pulsões humanas, não o fez de forma suficiente. Se ela tivesse conseguido tornar as pessoas felizes, confortá-las e transformá-las em veículos de civilização, as pessoas não estariam insatisfeitas, buscando modificar a civilização ou mesmo a hostilizando. De acordo com Freud (1927), a religião, por não ter conseguido realizar o

prometido, de tornar o homem feliz, nos anos de 1920 foi perdendo seu lugar para a ciência, que estaria se tornando de maior influência nas camadas mais altas da sociedade, proporcionando uma educação para a realidade e que esta proporcionaria esperanças para o futuro. Isto porque a voz da razão, apesar de ter pouco domínio sobre os instintos, não desiste “enquanto não consegue uma audiência” (FREUD, 1927, p. 61).

Esta idéia, de que a ciência não é uma ilusão e poderia permitir ao homem se livrar do sofrimento e salvar a civilização, é repensada por Freud no seu trabalho *Mal Estar na Civilização* (1930), no qual ele postula a idéia de que a vida é realmente árdua porque o sofrimento nos ataca incessantemente de três fontes: a natureza que pode se voltar contra nós impiedosamente a qualquer momento, nosso próprio corpo que é condenado à degradação biológica e à morte, e os outros nas relações sociais. Sendo assim, o propósito da vida que seria, governado pelo princípio do prazer, obter felicidade, só pode ser satisfeito pela evitação do sofrimento, que pode ser aliviado através de medidas paliativas que seriam os derivativos poderosos, as satisfações substitutivas, e as substâncias tóxicas (Freud, 1930).

Destas três fontes de sofrimento que atacam o homem, a terceira é a mais difícil de ser aceita e a maior fonte de nosso sofrimento, isto porque o homem percebe que a própria civilização, que pelos seus regulamentos é o que distingue nossas vidas das dos animais, causa sofrimento, por impor sacrifícios às pulsões sexuais e às agressivas, e, é insuportável perceber que nossa criação causa nosso próprio sofrimento e que é impossível a existência humana fora dela (Freud, 1930).

Segundo Mezan (1990), a civilização nos causa sofrimento ao impor sacrifícios às pulsões, não tanto às sexuais, mas principalmente às agressivas por meio de barreiras psíquicas. Mas se esta coerção é fonte de sofrimento e hostilidade contra a civilização, ela também é *sine qua non* para sua existência, já que, como nos alerta Freud (1930), os homens:

São criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo

sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo (FREUD, 1930. p. 116).

De acordo com Mezan (1990) a civilização em seu trabalho de coerção das pulsões pode sublimar, inibir, transformar e até frustrar estas pulsões, e no caso da pulsão de morte, ela poderá se aliar à libido ou ser deixada livre, mas a maior parte será devolvida para o sujeito.

A agressividade, que seria destinada para o exterior, é voltada contra o próprio ego pelo superego, que nada mais é que a incorporação da autoridade por meio da identificação, causando uma tensão que vai gerar um sentimento de culpa. E é este sentimento de culpa que acaba por se transformar em um sentimento de mal estar. “O preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa” (FREUD, 1930. p.137).

Toda esta exposição das idéias que Freud foi formulando sobre a agressividade humana e a civilização pode nos levar a questionar como estas formulações podem ser utilizadas ou que valor elas têm para a discussão da violência nos dias atuais. É a isto que iremos nos dedicar no próximo tópico, buscando compreender como autores mais contemporâneos da psicanálise entendem a violência crescente.

Mal-estar e violência na contemporaneidade

Freud postulou a idéia de que não há diferença entre a psicologia individual e a psicologia social, isso porque a constituição do sujeito se dá pelas suas pulsões e pelos sistemas simbólicos oferecidos pela sociedade (MEZAN, 1990). Mas o que se verifica, de acordo com Birman (1999), é que a comunidade psicanalítica tem se esquecido destes ensinamentos, principalmente ao discutir a questão da violência, utilizando-se de conceitos como a pulsão de morte para explicar toda agressividade e violência humana como inerente ao psiquismo. E, ao fazer isto, a psicanálise acaba por banalizar a violência, criando um instinto de violência, que Costa (2003) acredita ser inexistente. O que existe é uma pulsão agressiva que pode coexistir com o desejo de paz, ou dito de outra forma, com a pulsão de

vida. Se a violência não pode ser explicada apenas pela constituição psíquica, como podemos entendê-la então?

O que Birman (1999) vai apontar é que, assim como postulou Freud, o sujeito possui uma instância psíquica responsável pelos interditos às demandas pulsionais nas suas relações com os outros, o Superego. Em contrapartida existem outras duas instâncias, o ideal de Ego, que regula o campo do permitido, dando vazão a algumas demandas pulsionais, permitindo a construção do desejo do sujeito; e o Ego ideal, que regulado pela economia narcísica da libido, caracteriza-se pelo sentimento de onipotência do sujeito. Este sujeito narcísico se vê como próprio ideal e não é capaz de reconhecer o Outro, “já que não é perpassado pelos valores da diferença, do desejo e da singularidade” (BIRMAN, 1999, p.277). O outro é apenas algo sobre o qual pode submeter à sua vontade e ao seu usufruto, descartando-o quando não tem mais utilidade. Então, se de um lado o psiquismo regulado pelo Superego e ideal de Ego é marcado pelas interdições e ideais do Outro que o perpassam, o psiquismo regulado pelo Ego ideal não é atravessado por nada que não seja ele mesmo (BIRMAN, 1999).

Se o psiquismo é regulado desta forma, oscilando entre o pólo narcísico e *alteritário*, esta regulação está intrinsecamente ligada ao social, mais especificamente à circulação de bens e valores nesta sociedade.

A oscilação do sujeito entre os pólos narcísico e alteritário de seu psiquismo, assim como sua fixação em um deles, está na estrita dependência de que as formas organizadas do poder social permitam ou não a satisfação de suas demandas pulsionais. São as normas e dispositivos de forças presentes no espaço social que possibilitam a boa ou má circulação de bens e valores, assim como a dinâmica das satisfações desejanter e do gozo pulsional (BIRMAN, 1999, p. 283).

Para discutir as formas de subjetivação na atualidade, tanto Birman (1999) quanto Costa (1988 e 2003) utilizam como base as idéias de Lasch e Debord sobre Cultura do Narcisismo e Sociedade do Espetáculo¹.

Segundo Birman (1999), o jeito de ser das individualidades e a relação entre elas, na atualidade, foi denominada por Debord como

sociedade do espetáculo, na qual as pessoas se exibem para o outro na cena social. Nessa medida, o sujeito é regulado pela performance para seduzir o Outro. Nesta sociedade do espetáculo tudo se dá através da imagem para capturar e seduzir o Outro. “O sujeito se transforma numa máscara, para a exterioridade, para a exibição fascinante e para a captura do outro” (BIRMAN, 1999. p. 189).

Este Outro é apenas um objeto predatório para o gozo daquele e para o engrandecimento do eu, transformando-se em objeto descartável. Disto pode-se observar que o narcisismo é a forma de existência principal na sociedade de consumo atual, já que a alteridade não se encontra presente. O que acontece atualmente então é que esta sociedade de consumo, ao fazer o indivíduo perseguir algo inalcançável, aumenta o sentimento de necessidade e impotência (COSTA, 2003).

E se, para Costa (1988), os homens já possuem estes sentimentos com a degradação do corpo, com a força esmagadora da natureza, e na ameaça das relações com os outros homens, que causa uma espécie de humilhação narcísica, e faz com que o ego acione seus mecanismos de defesa, como distúrbios narcísicos, seu aumento causaria algo que ele chama de cultura do narcisismo.

Hoje, definiríamos cultura do narcisismo como aquela em que o conjunto de itens materiais e simbólicos maximizam real ou imaginariamente os efeitos da Ananké, forçando o Ego a ativar paroxisticamente os automatismos de preservação, face ao recrudescimento da angústia de impotência. Ou, visto de outro ângulo, é a cultura onde a experiência de impotência/desamparo é levada a um ponto tal que torna conflitante e extremamente difícil a prática da solidariedade social (Costa, 1988. p.165).

Violência e educação em Freud

Preocupado com a profilaxia das doenças mentais, Freud ocupou um tempo de sua obra em discutir a educação, e até que ponto a mesma teria este papel profilático. Sua idéia inicial de que o papel da educação era a supressão das pulsões e que, portanto poderia ser causadora da neurose, fez com que o autor pensasse na busca de um ponto ideal entre a não interferência e a frustração (BACHA, 1998). Várias

experiências e estudos tentaram comprovar esta idéia de Freud sobre a promoção de saúde mental através da educação, mas não obtiveram sucesso algum (COSTA, 2003), isso porque “as neuroses não se evitam, mas ao contrário, delas não se escapa, porque são o fundamento de nossa subjetivação” (KUPFER, 2001. p. 14).

Mas o que seria educar? Para de Lajonquière (apud KUPFER, 2001) educar é imprimir no outro algo de si, mas de forma a permitir que ele se construa como um ser desejante, e, podemos acrescentar aí a afirmação de Jerusalinsky (apud KUPFER, 2001) que é permitir que o outro se torne um ser desejante, regulado pela cultura em que está inserido.

No entanto, para dármos continuidade a esta discussão sobre o papel da educação, é necessário, como nos alerta Costa (2003), inicialmente verificar os vários sentidos da educação. Estes questionamentos nos são imprescindíveis, já que o próprio Costa (2003) nos mostra que existem diferenças entre a educação escolar e a educação familiar.

Se existem algumas diferenças entre estas formas de educação, podemos verificar que são semelhantes em alguns pontos, em ambas ocorre uma comunicação entre um, com mais conhecimento e outro com menos, promovendo assim uma dependência na qual a criança fica exposta a uma violência simbólica, em que o adulto impõe seus significados à mesma (COSTA, 2003). Ocorre também muitas vezes, uma dificuldade, devido a mecanismos inconscientes, de se fazer determinadas coisas que não coincidem com a intenção do educador (OLIVEIRA, 1996). Millot (apud BACHA, 1998) diz que toda educação é baseada no narcisismo, já que a criança sempre vai ocupar um lugar alienante no desejo do outro, seja ele pai ou educador. A própria Bacha (1998), baseada em outros autores, discorda desta posição dizendo que nem toda educação é baseada no narcisismo. Isto só acontece em uma educação patologizante, e é nesta forma de educação que podemos observar de forma mais clara as diferenças entre a educação escolar e a familiar.

O papel da educação escolar é passar para o aluno e fazer com que ele internalize um padrão social (COSTA, 2003). Dessa forma a escola atualmente passa a ser uma presa fácil da cultura do narcisismo,

passando para o aluno um padrão de indivíduo que busca incessantemente o sucesso e o consumo como formas de obter a felicidade, ou seja, acaba por promover a onipotência (OLIVEIRA, 1996). Enquanto a educação familiar, também como canal de transmissão dos valores sociais, pode ser aliada da cultura do narcisismo, mas quando esta educação é patogênica, acaba por afastar a criança do que é socializado, ou seja, não permite que a mesma se aproprie dos significados coletivos (COSTA, 2003).

Por este caráter internalizador do social de ambas as formas de educação é que talvez possamos nos questionar se a educação poderia ter o papel de modificar esta cultura narcisista da cultura atual, já que, como nos diz Freud, “de onde virão esses líderes superiores, inabaláveis e desinteressados, que deverão atuar como educadores das gerações futuras” (FREUD, 1927. p. 18), ou seja, como pais e educadores que estão inseridos nesta sociedade e possuem formas de subjetivação de acordo com ela poderiam educar as crianças de forma diferente?

Se, para alguns autores como Millot, é impossível a integração entre psicanálise e educação, para os autores que estudam a ligação psicanálise e cultura, se o sujeito se constrói na relação com o social, é de extrema importância que as ações no social, visem o sujeito. Se é importante pensar e agir no social, torna importante o trabalho na educação, uma vez que ela nada mais é que uma parte do social. (KUPFER, 2001).

A psicanálise talvez tenha bastante a colaborar proporcionando problematizações, pois quando uma criança é encaminhada ao psicanalista, os pais e a escola querem que o mesmo enquadre esta criança na moldura escolar, mas a psicanálise, com sua visão do infantil, acaba por não colaborar com isto. Seu papel deve então ser “permitir a entrada de um sujeito do desejo que possa vir a ser disruptivo ou mesmo contrário ao escolar, sem que com isso a “casa caia”, entendendo-se aí casa como escola” (KUPFER, 2001. p. 38).

Na escola, a psicanálise pode abrir espaço para a circulação do discurso, permitindo a fala dos sujeitos, escutando-as, e assim quebrando a cristalização existente, provocando mudanças. Um outro caminho seria trabalhar a teoria psicanalítica com os professores, pois entendendo o sujeito, o professor pode entender seus alunos, entender

que cada um tem sua forma própria de aprender, que “carrega a marca do seu desejo” (PATTO, 2005. p. 164).

Sem sequer imaginar que esta discussão das idéias psicanalíticas a respeito da violência e educação possa ter se esgotado nesta pequena apresentação, pensamos que é de grande importância buscar em outra teoria, a Teoria Crítica, algumas idéias a respeito do assunto, para que possamos buscar um diálogo pertinente à questão.

Escola de Frankfurt e uma visão crítica sobre violência e educação

Como vimos no tópico anterior, Freud coloca um conflito entre o indivíduo e a sociedade, e a constituição do indivíduo neste conflito. Mas o que Marcuse (1998) vai dizer é que na sociedade atual ocorreram mudanças nesta concepção. Segundo o autor, o conflito anterior entre o indivíduo e as instâncias familiares, a confrontação com o pai e a subordinação, pela autoridade deste, ao princípio de realidade, têm deixado de existir, uma vez que o filho cada vez mais independente da família e influenciado pela escola, televisão, amigos, entre outros, aprende que não é o pai, mas estes últimos que são autoridades no que se refere aos comportamentos adequados (MARCUSE, 1998). Assim, o ideal do ego identifica-se com o ideal coletivo², não de forma imposta, mas recebem de fora, harmoniosamente o que desejam, uma vez que desejam o que lhes é oferecido, por estarem no domínio da produção capitalista (ADORNO E HORKHEIMER, 1985).

Esta modificação diminui a autonomia do ego e prepara o terreno para o surgimento das massas, na qual o indivíduo é apenas um objeto administrado pela sociedade industrial, que apesar de se apresentar como aliada de Eros na construção de uma sociedade superior e menos repressiva, cada vez mais amplia o controle sobre o indivíduo. Ao estimular a sexualidade e colocá-la no campo dos negócios e divertimento, aumenta-se aparentemente a satisfação, mas o que aumenta é a repressão, pois o indivíduo perde a capacidade de resistência pulsional contra o princípio de realidade. Marcuse (1998) nomeia esta situação como satisfação administrada e afirma que esta é conseguida graças à difusão da mídia de massa. A mídia de massa

ou indústria cultural, com é chamada por Adorno, é a cultura convertida em mercadoria, é um instrumento de dominação que, segundo Adorno e Horkheimer (1985), coloca tudo e todos como semelhantes.

A televisão, apesar de possuir alguns programas de esclarecimento, é um grande exemplo de um meio de disseminação da indústria cultural, uma vez que divulga ideologias na “tentativa de incutir nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade, além de, como se costuma dizer tão bem, procurar impor às pessoas um conjunto de valores como se fossem dogmaticamente positivos (...)” (ADORNO, 1995, p. 80). Ela apresenta a vida como algo belo, lança modelos ideais e submete as pessoas à produção capitalista (ADORNO, 1995). A indústria cultural apresenta tudo pronto para o consumidor e este não se incomoda com isto, pois:

A mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 128).

Assim as pessoas vão encontrando formas de sobreviver, sem questionar, apenas querem sobreviver e serem felizes, e, é assim que o indivíduo é eliminado, é assim que são formadas as massas na sociedade industrial, que correspondem exatamente aos traços regressivos colocados pela teoria freudiana e citados por Marcuse (1998), como o

desaparecimento da personalidade individual consciente, orientação dos pensamentos e sentimentos na mesma direção, preponderância da afetividade e da vida psíquica inconsciente, tendência a executar imediatamente as intenções que surgem (MARCUSE, 1998, p. 97).

Mas se estes traços regressivos podem ser observados na sociedade industrial, principalmente o enfraquecimento da capacidade crítica, a concepção de um líder encarnado na imagem paterna com os quais

haveria vínculos libidinais torna-se pouco expressiva, uma vez que na sociedade industrial a formação do ego é conseguida na relação com o coletivo e não no conflito com o pai (MARCUSE, 1998).

Como na Psicanálise a formação do ego só é possível em uma luta contra e a favor de uma autoridade familiar, o controle social precisa estar encarnado em uma pessoa, mas na sociedade atual os líderes não possuem o papel de pessoas, são apenas representantes de uma autoridade maior, a autoridade do aparato de produção.

Esse aparato compreende as instalações materiais de produção e distribuição como um todo, a técnica, a tecnologia e a ciência utilizadas neste processo, assim como a divisão do trabalho que mantém e acelera o movimento do processo (MARCUSE, 1998, p. 102).

Mas, como é necessário um vínculo libidinal para manter a coesão das massas, o que se torna objeto de investimento libidinal são os objetos produzidos por este aparato de produção (MARCUSE, 1998).

O maior perigo na constituição das massas é o aumento das pulsões agressivas, devido a uma diminuição das pulsões de vida, e, a destinação destas pulsões para um objeto externo ao grupo, objeto este que é concreto e móvel, de acordo com o interesse do grupo social. A situação dominante exige das massas o controle da agressividade e as massas exigem da liderança que satisfaça suas necessidades. Assim as massas determinam a liderança da qual dependem e esta aumenta seu poder cedendo às massas (MARCUSE, 1998).

“Hoje a chance da liberdade depende em grande medida da força e da disposição de opor-se à opinião das massas, de defender práticas políticas impopulares, de modificar a direção do progresso” (MARCUSE, 1998, p. 109). E se a educação pode, ou não, oferecer tudo isso aos indivíduos é o que buscaremos discutir no capítulo seguinte.

Educação contra a violência

Segundo Adorno (1995), as relações sociais e as pulsões instintivas originam as relações de dominação na sociedade. A dominação vem desde os primórdios, quando o homem, para se proteger da natureza,

começa a tentar dominá-la, e se estende até os dias atuais. Apresentando-se de forma diferente, a manipulação das massas no nazifascismo, as sociedades consumistas e o processo de produção são exemplos da forma de dominação atual. A educação baseada neste sistema de dominação forma as pessoas para tecnologia, para a aceitação e internalização do existente. Não permite a experiência – processo auto-reflexivo em que a objetividade do sujeito vai se formando na sua relação com o objeto – sendo que a própria ciência se converteu em algo que se coloca entre a pessoa e aquilo que iria ser experimentado. É a realidade que se impõe de forma automática sem que as pessoas percebam, não há reflexão, e sem a mesma as pessoas vão perdendo sua individualização e se identificando com o coletivo. Por isso, o papel da educação como modeladora das pessoas, que impõe de forma autoritária o que o outro deve ser e fazer, deve ser modificado. Ela deve prioritariamente conduzir à “produção de uma consciência verdadeira” (ADORNO, 1995. p. 141); à resistência ao existente, formando assim homens autônomos, emancipados, para que *Auschwitz* não se repita.

Auschwitz foi “a barbárie contra a qual se dirige toda a educação” (ADORNO, 1995. p. 119). Barbárie é como se encontra a relação das pessoas com a civilização atualmente, não se comprometendo com ela e mantendo relações baseadas na agressividade. Hoje se fala de um retorno à barbárie, mas o que é ignorado é que isto já não é mais uma ameaça, porque a barbárie já aconteceu e se coloca cada dia mais como uma realidade da sociedade.

O próprio Freud já dizia que a civilização fortalece o que é anti-civilizatório. Adorno (1995) acrescenta a dialética do progresso, quanto mais a civilização avança racionalmente mais regride, porque não é capaz de perceber o lado cego da razão, ter consciência do lado ruim da razão - é isto que acaba por perpetuar a barbárie (ADORNO, 1995).

Para que a educação seja fator de emancipação, é necessário elaborar o passado e criticar o presente, permitindo assim uma auto-reflexão crítica. Mas devido à grande violência objetiva atual, o esclarecimento subjetivo não é suficiente para modificar esta situação. É preciso mostrar o horror para as pessoas, o horror que inflige

sofrimento a elas, para que possa haver movimentação dos seus afetos e, conseqüentemente, reflexão (ADORNO, 1995).

Fica claro que, para que isso possa se concretizar na educação é preciso conscientizar os educadores sobre as representações que carregam consigo, e sobre os mecanismos que regem seus relacionamentos com os alunos. Uma das formas de permitir ao professor estas reflexões é o esclarecimento intelectual, que apesar de ser pouco eficiente - uma vez que é preciso que o próprio professor, pela experiência e movimentação de afeto, dê significado a estas representações -, já é um começo (ADORNO, 1995).

Estar em conformidade com o aparato social muitas vezes rege o trabalho do professor. Ele ensina o que está na moda ou o que o fará se sair bem e não algo que modifique a situação vigente. A criança, ao ser inserida na escola, experimenta a alienação e "o agente desta alienação é a autoridade do professor, e a resposta a ela é a apreensão negativa da imagem do professor" (ADORNO, 1995. p. 112). Mas é importante frisar que se tornar autônomo não é ir contra qualquer tipo de autoridade, pois a criança, segundo a teoria freudiana, se identifica com o pai - autoridade - e depois percebe que ele não corresponde ao "eu" ideal que aprendeu dele, libertando-se do mesmo e se tornando uma pessoa emancipada; portanto a construção do "eu" não é possível sem o encontro com a autoridade. A autoridade do professor também é necessária, mas o professor precisa entender e permitir que o aluno se liberte dele (ADORNO, 1995).

É necessário abolir qualquer tipo de autoridade não esclarecida, principalmente na primeira infância, que é quando "não se verificam apenas adequações sociais decisivas e definitivas, como sabemos hoje, mas também ocorrem adaptações decisivas das disposições anímicas" (BECKER apud ADORNO, 1995. p. 166). Por este motivo é que esta idade deve concentrar a educação, pois é preciso que as pessoas sintam vergonha de agredir as outras. As agressões que ocorrem nesta idade precisam ser elaboradas, para que percam seu conteúdo bárbaro, mas esta não é uma tarefa fácil, uma vez que são os pais e professores que devem cumprir essa tarefa, mas estes são produtos da cultura atual. A educação para a emancipação é necessária, mas a realidade exige uma adaptação constante,

a educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior (ADORNO, 1995, p. 143).

Esta dialética adaptação e resistência presente na educação é necessária, mas é preciso levar em consideração a situação vigente em cada época. Nos dias atuais a adaptação à realidade ocorre de forma tão natural e automática, que cabe à educação fortalecer a resistência, produzindo indivíduos “desadaptados”, que sejam capazes de criticar esta realidade naturalizada (ADORNO, 1995). A educação crítica busca romper com a educação como mera apropriação de instrumentos técnicos, investindo na elaboração da história e no contato com outro, para que haja a promoção da autonomia do indivíduo. O caminho a ser seguido é buscar uma educação para a resistência

assim, tenta-se simplesmente começar despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente, pois hoje em dia o mecanismo da ausência de emancipação é o *mundus vult decipi* em âmbito planetário, de que o mundo quer ser enganado. A consciência de todos em relação a essas questões poderia resultar dos termos de uma crítica imanente já que nenhuma democracia poderia se dar ao luxo de se opor de maneira explícita a um tal esclarecimento (ADORNO, 1995, p. 183).

Este não é um trabalho fácil, e mesmo depois de um longo processo de esclarecimento, pessoas ainda continuam submetidas pelo aparato de dominação, isto porque as tentativas de modificação encontram sempre resistências poderosas do existente, que condenam estas tentativas à impotência. A questão seria então, como reverter esta impotência a favor do nosso trabalho (ADORNO, 1995).

Pode a educação conter a violência? Contribuições da psicanálise Freudiana e da Teoria Crítica

O mal-estar apresentado no primeiro tópico deste artigo é, tanto para Freud como para a Teoria Crítica, inevitável, uma vez que não há conciliação entre os interesses do indivíduo e da civilização, o social exige o sacrifício das pulsões, e fora da sociedade o homem não é capaz de sobreviver. Além desse pessimismo, a idéia de que o homem pode se tornar racional e livre é partilhada por ambos, que acreditam que a reflexão pode denunciar o que se passa atualmente como razão, como já dizia Freud, a voz da razão não desiste enquanto não é ouvida (ROUANET, 1998).

Mesmo compartilhando com a idéia de Freud que o mal-estar é a condição do homem socializado, e aquilo contra qual ele não pode deixar de lutar, a teoria crítica aponta que a psicanálise ao mesmo tempo em que fornece subsídios para esta luta, como não deixá-lo se apoiar em falsas certezas como a religião, fornece subsídios também para sua resignação ao dizer que a vitória da pulsão de vida sobre a de morte nunca será possível (ROUANET, 1998). Além disto, a Teoria Crítica vai dizer que Freud no exame da realidade acabou por naturalizar algo que era histórico e também se absteve de críticas à sociedade vigente (ROUANET, 1998).

Para entender o funcionamento psíquico individual, Freud teve que utilizar o social, uma vez que os impulsos de determinado indivíduo são sempre ativados em relação a um outro indivíduo. Mas críticas baseadas numa concepção materialista-histórica vão dizer que Freud naturaliza os homens e sua história e deixa de lado as relações de produção e poder social. O próprio Adorno faz uma crítica a esta naturalidade do social observada em Freud, afirmando que a psicanálise favorece a adaptação social (PATTO, 2005).

Patto (2005) diz que Freud sabia desta dimensão de relações de poder e produção e dá dois exemplos de passagens pelos seus textos em que fala desta dimensão, uma em *O Futuro de uma Ilusão* (1927), em que discorre sobre as injustiças sociais nas sociedades capitalistas e em *O Mal Estar na Civilização*(1930[1929]), em que fala da esperança de uma sociedade mais igualitária. Mas, como este não era

o objeto de seu estudo, Freud logo retoma a discussão do que é passível de mudança na cultura.

Mas assim como critica o exame da realidade feito por Freud, a Teoria Crítica assinala que este autor trouxe suas contribuições mesmo quando errou, pois seus erros muitas vezes demonstraram a ilusão do real,

a reificação do Id, visto como constante anti-histórica, e como o reino da indiferenciação, copia as estruturas reificadas da ordem existente, regida pelo retorno abstrato do sempre igual. A hesitação diante do estatuto do Superego é mero reflexo diante de um sistema social que proclama, ideologicamente, a lucidez e o livre arbítrio e se funda na interiorização de automatismos que anulam a liberdade moral. A contradição de um Ego simultaneamente consciente e inconsciente é enraizada objetivamente num sistema social que exige repressões irracionais, cujo mecanismo não pode tornar-se consciente sem que a estrutura de dominação entre em colapso (ROUANET, 1998, p. 96).

As forças de dominação atualmente se tornaram invisíveis porque a ideologia se fundiu com a realidade, e se mostra como uma realidade apenas afirmativa, real. É aí que a Teoria Crítica pode usar da Psicanálise como sua aliada, uma vez que esta se move no campo da razão/desrazão, o que a qualifica para demonstrar o irreal, o negativo da cultura (ROUANET, 1998). Se antes era necessário um dispêndio de energia para reprimir as pulsões, atualmente o esforço é para transgredir a norma, ir contra uma repressão que não é percebida como tal, isto porque a adesão do indivíduo ao social é obtida pela liberação do Id, que se identifica com o Todo, que o manipula de forma científica.

O Ego é deposto, e o Superego, mandatário pouco confiável, perde seus poderes de representação. O Id está livre. Com uma pequena condição – a de obedecer, cegamente à sociedade global. O indivíduo reduzido a seu Id, identifica-se sem dificuldade com esse Todo, que o manipula de forma tão científica que a manipulação se torna invisível (ROUANET, 1998, p.126).

Segundo Patto (2005), é aqui que ingressamos no território da barbárie. Não a entendida por Freud como aquilo que vai contra os bens culturais (ordem, beleza, etc), mas barbárie como colocada por Adorno (1995) como uma situação social na qual as pessoas não se comprometem com esta sociedade e mantêm relações baseadas na agressividade. O projeto iluminista de humanizar a vida através da razão não pode atingir seus objetivos, uma vez que a razão desprovida de reflexão passou a ser usada a serviço da dominação, tornou-se razão técnica. O conhecimento técnico-científico a serviço do progresso acabou por mutilar a inteligência e contribuir para a instalação da barbárie na sociedade. Além disso, proporcionou uma forma de relação social em que o outro só interessa como meio para realizar interesses individuais (PATTO, 2005). Isto, segundo Birman (1999), devido à forma de regulação do social, que ao permitir ou não a realização das demandas pulsionais determina a oscilação do sujeito entre os pólos narcísico e alteritário de seu psiquismo. Determinando sua fixação no pólo narcísico, coloca o outro nesta posição de objeto predatório para o gozo daquele. O outro se transforma em algo descartável (COSTA, 1988).

De acordo com Patto (2005) esta situação atual reflete-se na escola. Aluno e professor se digladiam, impossibilitados de reconhecer o inimigo. Além disto, outras duas características da educação podem aqui ser citadas como características da sociedade atual, que são o horror às diferenças individuais e o desejo de controle do aluno no ato de educar.

O intento obstinado de aperfeiçoamento das práticas de ensino e de avaliação da aprendizagem quer, por sua vez, o aluno como espelho da lousa, da letra e do desejo do professor. Quanto mais o aluno for máquina de xerox que se anula como sujeito de conhecimento, mais será considerado bom aluno. O resultado mais provável é a formação de pessoas predispostas à manipulação por líderes autoritários (PATTO, 2005. p. 156).

Tudo isso está no campo da relação, nos educadores e nos conteúdos que transmitem, está na semiformação, que é como Adorno nomeia a educação dominada pela indústria cultural, que desvaloriza a

experiência e o pensamento. Esta educação, assim como a industrialização, vai buscando novas técnicas, como o controle, a precisão, a produtividade, a economia de tempo e dinheiro, etc.

O objetivo último é a garantia de sucesso na produção do homem almejado: cidadão exemplar, obediente, ciente dos deveres que lhe cabem, produtivo, patriota, disposto a colaborar com o progresso da nação, seguidor obediente dos ditames dos “de cima” (PATTO, 2005. p. 183).

Mesmo podendo-se entender a educação como um ato de violência, uma vez que ela submete o sujeito ao princípio de realidade, Patto (2005) acredita que a palavra violência deveria ser usada para este tipo de educação descrita aqui. Esta educação que incentiva a competição, avalia o rendimento de acordo com a capacidade de repetir conteúdos não pensados e forma indivíduos adaptados à realidade afirmativa.

É preciso instalar na educação a reflexão. O aluno não pode mais ser um consumidor passivo de conhecimentos técnicos. É preciso permitir que as pessoas se tornem sujeitos. É preciso retomar a história e compreender e elaborar o passado, pois sem esta referência o presente se torna inquestionável. É preciso reunir sentimento e entendimento (PATTO, 2005).

As pessoas, principalmente as que trabalham com educação, precisam entender duas coisas,

Que num mundo dominado pela violência que atenta permanentemente e de várias formas contra a vida e a dignidade das pessoas, a escola tem ocupado lugar de destaque entre os dispositivos políticos de reprodução dela, que é tomando consciência disso e do lugar que ocupamos na educação para a submissão e a violência que poderemos nos propor a colaborar na formação de personalidades dispostas a recusar a brutalidade do arbítrio, da opressão, do preconceito, do genocídio e da tortura (PATTO, 2005. p.186).

O caminho para modificar a situação seria então o proposto por Adorno, o caminho da reflexão, para que as pessoas não só entendam a dinâmica social de dominação, mas que elas entendam como participam dessa lógica dominadas psiquicamente por forças que se tornaram invisíveis (PATTO, 2005).

Considerações finais

Adorno, criticando a psicanálise freudiana, diz que esta favorece a adaptação à realidade, uma vez que abre mão da crítica do social. No entanto, podemos observar que assim como a Teoria Crítica se apropria dos conceitos freudianos para fazer sua crítica do social, a Psicanálise contemporânea se apropria da visão crítica para fazer sua análise do sujeito. Desta forma, acreditamos que ambas acabam por se complementar na busca de reflexão e mudança do existente.

Por este caminho podemos pensar que a sociedade atual causa de forma invisível a adaptação do indivíduo à realidade. Muitos são seus veículos e um deles é a educação, uma vez que esta é canal de transmissão do social – crenças, costumes, normas, valores, etc. Através do conhecimento técnico-científico e através da razão sem reflexão, a educação produz indivíduos não críticos e adaptados. Indivíduos não críticos se massificam e dirigem para fora do grupo uma agressividade que é potencializada, pois a agressividade é inerente ao psiquismo mas também produto da estruturação social.

Ao acreditar na existência de pessoas que de uma forma ou outra se sentem incomodadas e “desadaptadas”, e, mesmo porque se elas não existissem, este trabalho não teria no que se embasar, é que podemos pensar numa possibilidade de mudança no social. Se estas pessoas puderem levar um pequeno grupo a refletir e mudar, estes poderão modificar outros que não foram trabalhados diretamente, assim como uma pequena pedra que rola do alto de uma montanha e que vai levando consigo outras até criar uma avalanche.

Assim chegaríamos a uma sociedade com indivíduos autônomos. Porém, é difícil acreditar que possa um dia existir uma sociedade sem dominação, porque refletir e mudar é um ato de coragem, é difícil, é doloroso, é nadar contra a corrente, porque a realidade impõe

resistências poderosas a qualquer coisa que ameace seu domínio. Acreditamos então que a educação só poderá modificar o *status quo* através de indivíduos não adaptados e reflexivos que poderão formar novos indivíduos emancipados.

Como poderíamos pensar objetivamente em algumas propostas para que esta educação reflexiva, que reúne sentimento e conhecimentos, se torne possível? Uma alternativa seria a leitura e ensinamento da psicanálise aos professores, para que estes possam entender sua relação com o aluno, e vê-lo como um ser desejante que rompa com esta educação. É importante também pensar que a adaptação à realidade se inicia na infância, quando a criança identifica seu ideal de ego com os ideais coletivos. Para que houvesse alguma mudança neste ponto seria essencial, então, pensar em formas de intervenção já neste período da infância.

Mas este artigo não se propõe a trazer idéias prontas de como atuar para uma educação reflexiva, mesmo porque se o fizesse já estaria proporcionando a não reflexão. O que buscamos é suscitar nas pessoas um incômodo por perceber o quanto estamos aprisionados por uma realidade que se coloca como verdadeira e única, um incômodo que possa culminar em reflexão, e que, assim sendo, possa permitir o questionamento constante, até mesmo destas idéias que aqui são colocadas.

Notas

* Doutor em Psicologia Social pela PUC-SP, Docente - Psicologia Social - UNIMEP. Endereço: Rua Rio Grande do Sul, 202 - Jd Centenário, Mogi Guaçu/SP, CEP: 13845-231. E-mail: frcperei@unimep.br.

** Psicóloga pelo Centro Universitário Hermínio Ometto - UNIARARAS. Endereço: Av. Antônio Carvalho de Miranda, 720 apto 131 Vila São Bento, Campinas SP. CEP 13034-673. E-mail: manu_ayoub@hotmail.com.

*** Mestre em Educação, Psicóloga Social e Educacional na Associação Metodista de Ação Social - AMAS. Endereço: Rua Moraes Barros, 1731 Centro Piracicaba SP. CEP. 13419-240. E-mail: shirleidebussi@gmail.com.

¹ Em decorrência do tempo para fazer esta pesquisa não foi possível adentrar mais a fundo nos autores acima citados. Fica, assim, para um outro momento se pertinente for.

² O problema não está no identificar-se com o coletivo e sim com o coletivo que está massificado e aprisionado pelo ideal capitalista.

Referências

- ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. 2ª Ed. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- BACHA, M. N.. **Psicanálise e Educação**: Laços refeitos. Campo Grande MS, Ed. UFMS e São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998.
- BIRMAN, J.. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.
- COSTA, J. F. Narcisismo em tempos sombrios. In: BIRMAN, Joel. **Percursos na História da Psicanálise**. Rio de Janeiro, Taurus, 1988.
- COSTA, J. F. **Violência e Psicanálise**. 3ª Ed. Rio de Janeiro, Graal, 2003.
- FREUD, S. Mal-Estar na Civilização (1930 [1929]). In: **Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Volume XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- _____. Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna (1908). In: **Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Volume IX. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- _____. O Futuro de uma ilusão (1927). In: **Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Volume XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- KUPFER, M. C. M. Limites e alcance de uma aproximação entre psicanálise e educação. In: **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. 2ª Edição. São Paulo, Escuta, 2001.
- MARCUSE, H. A obsolescência da psicanálise. In: **Cultura e Sociedade**. Volume II. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

MEZAN, R. As voltas com a história. In: **Freud pensador da cultura**. 5ª Edição. São Paulo, Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, M. L. Porque a Psicanálise na Educação: Fragmentos. **Perfil: Revista de Psicologia**. Nº 9, 1996. p. 25 – 35.

PATTO, M. H. S.. **Exercícios de Indignação: escritos de educação e psicologia**. São Paulo, Cas.a do Psicólogo, 2005.

RAMALHO, Simone Aparecida. **Psicologia de Massa do Fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico**. São Paulo, sn, 2001. Dissertação (mestrado) Ins tituto de Psicologia da USP. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade.

ROUANET, S.. P. **Teoria Crítica e Psicanálise**. 4ª Ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1998.

Abstract: Lateely, the increase in violence rates has become really worrying and theme of several discussions, wherein search solutions to decrease this violence. Among these discussions, many times education is put as a way to modify the hard reality that we live, been implicit in this affirmation that education could help decrease the violence rates. Intuitively checking until what point this affirmation can be correct, this work go searching in Freudian Psychoanalysis and in Critical Theory basement to enrich this discussion. This way the work creates a discussion about psychoanalysis, psyche, culture and education, hereinafter consider the critique on social presented by Frankfurt's School. Supported then for these two approaches, is search the possibility of this way of change through education.

Keywords: freudian psychoanalysis; critical theory; education; violence.

Recebido em agosto de 2007.

Aceito em agosto de 2007.